

mercado

'Efeito Amazonas' pode se espalhar pelo Brasil, alerta relatório do BC

Pandemia afeta retomada no estado, e há risco de quadro se repetir em escala nacional, aponta estudo

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Os efeitos da crise no Amazonas, avaliados em estudo do Banco Central, mostram como o recrudescimento da pandemia coloca em xeque a recuperação da economia, não apenas no estado ao norte do país mas em todo o Brasil, por afetar principalmente o setor de serviços, o que mais emprega e que ainda não voltou ao nível pré-crise.

Os dados constam do Relatório Regional do BC, que trouxe um capítulo sobre a evolução da pandemia no Amazonas e seu impacto na economia, incluindo a comparação com os dados nacionais e também com o restante da região Norte.

"Os indicadores de alta frequência sugerem que a contração econômica ocorrida em janeiro no Amazonas tem magnitude similar à observada em abril de 2020 e que sinais de acomodação em patamar ainda baixo aparecem a partir da segunda semana de fevereiro", diz o BC.

"Dadas as dinâmicas distintas de evolução da Covid-19 nos estados brasileiros, o caso do Amazonas sinaliza os possíveis impactos de um agravamento severo da epidemia em outras regiões", afirma a instituição.

Segundo o estudo, as transações de bens e serviços efetuadas com cartão de débito registraram recuo de 13% na média móvel de sete dias até 10 de fevereiro, em relação ao mesmo período do ano anterior, com destaque para as contrações em vestuário e calçados (82%) e restaurantes e similares (54%), dois

dos seguimentos mais afetados pela queda na circulação de pessoas.

O consumo de energia pela indústria local também despencou.

Nos demais estados da região, os dados foram positivos em praticamente todos os segmentos no mesmo período.

A instituição também mostra que o aumento de mortes e da contaminação no Amazonas levou a uma nova queda na circulação por restaurantes, shoppings e cinemas, entre outros serviços de lazer.

Antes da nova explosão de casos, a circulação por esses locais estava acima do patamar pré-crise em todos os estados da região Norte. Depois, caiu mais acentuadamente no Amazonas, local mais afetado pelo recrudescimento da pandemia até o momento. Estava 47% abaixo do nível pré-crise no dado da média móvel de sete dias úteis até 12 de fevereiro.

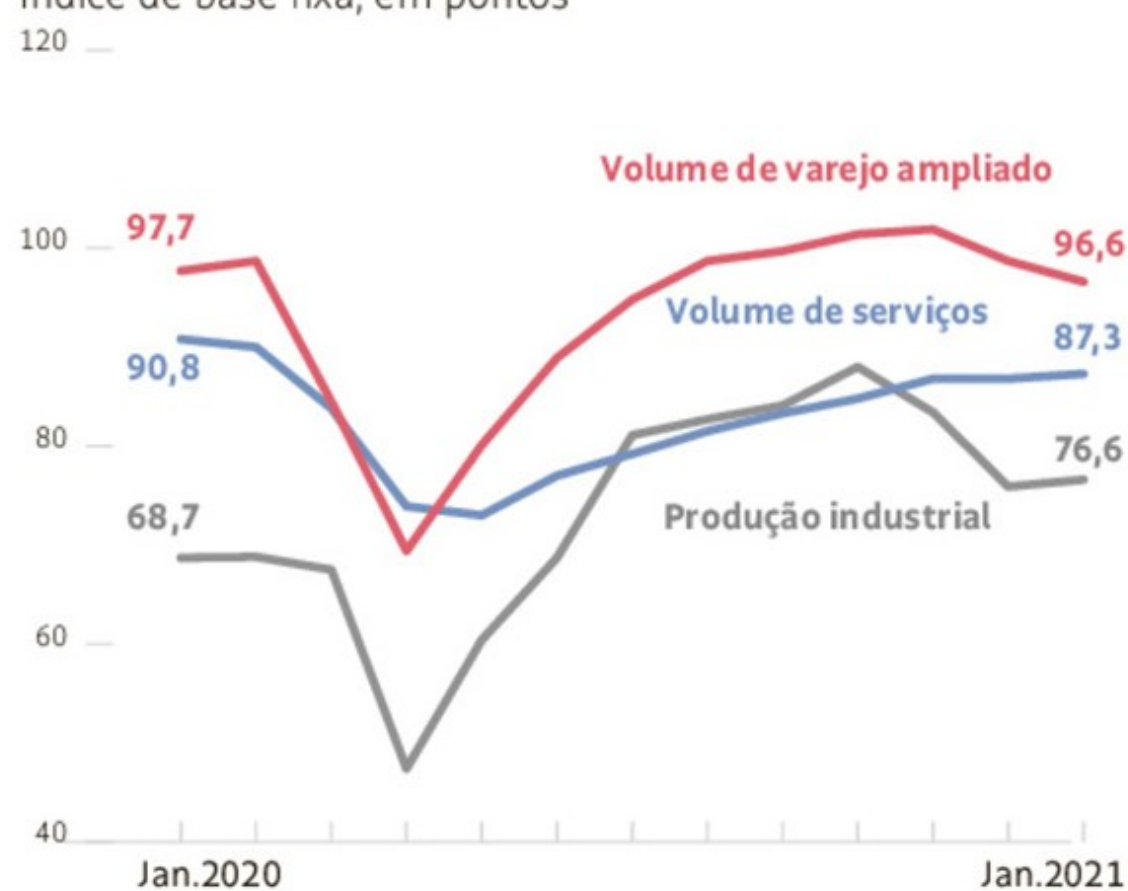
A queda no restante da região e na média nacional foi bem inferior, 24% e 15%, respectivamente, no mesmo período, segundo o indicador de mobilidade Google Mobility, citado pelo BC.

Em nível nacional, o setor de serviços também mostrou um melhor desempenho antes da atual onda de aumento de contágio e morte, que ganhou força em fevereiro e março, deflagrando novas rodadas de isolamento social por todo o Brasil.

O IBGE informou que, o volume do setor de serviços cresceu 0,6% em janeiro, em relação a dezembro. A indústria também teve ligeiro crescimento (0,4% na comparação mensal), enquanto o comér-

Retomada da atividade desacelera no último trimestre

Índice de base fixa, em pontos



Fonte: IBGE

Dadas as dinâmicas distintas de evolução da Covid-19 nos estados brasileiros, o caso do Amazonas sinaliza os possíveis impactos de um agravamento severo da epidemia em outras regiões

Relatório Regional do BC

busca por vacinas, para tentar estancar perda de popularidade causada pelo aumento do número de mortes e pela tímida evolução na imunização da população contra o coronavírus.

Em evento recente, o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, mostrou dados de Israel que apontam queda no número de mortes e internações após a vacinação de idosos e disse que isso reduz o medo das pessoas com o vírus e faz a economia voltar à normalidade mais rapidamente. "Assim você retira o fator medo e as coisas voltam a funcionar", afirmou.

O ministro Paulo Guedes (Economia) também tem afirmado que a prioridade é "vacina, vacina e vacina" e que, sem vacinação em massa, a economia não se sustenta.

Atividade econômica cresce 1,04% em janeiro, mas deve desacelerar

Larissa Garcia

BRASÍLIA A atividade econômica cresceu 1,04% em janeiro, segundo o indicador IBC-Br do BC (Banco Central) divulgado nesta segunda-feira (15). O índice alcançou o maior patamar desde maio de 2015, apontando uma retomada econômica no período.

Na avaliação de economistas ouvidos pela Folha, no entanto, a tendência é de desaceleração em fevereiro e março em razão do agravamento da pandemia e de novas medidas de restrição adotadas em alguns estados.

Além disso, o número de janeiro ainda reflete o relaxamento do distanciamento social promovido no fim do ano passado e o auxílio emergencial, pago até dezembro.

O indicador é medido em pontos e chegou a 140,30 no mês. A variação percentual foi bem acima da observada em dezembro (0,71%). Antes, o BC havia divulgado que a economia cresceu 0,64% no mês, mas a série foi revisada.

Em janeiro de 2020, o índice era de 138,54 pontos e foi a 140,02 em fevereiro. A partir de então, a atividade começou a cair e chegou ao menor nível em abril, com 119,93 pontos.

O número foi calculado com ajuste sazonal (que remove especificidades de um mês, como número de dias úteis) para facilitar a comparação com outros períodos.

Após o começo da pandemia, o fechamento dos comércios e o distanciamento social afetaram a economia. Com a reabertura e flexibilização das medidas restritivas, a atividade entrou em ritmo de recuperação, embo-

ra sem compensar as perdas da crise sanitária.

Silvia Matos, pesquisadora de economia aplicada do Ibre (Instituto Brasileiro de Economia) da FGV (Fundação Getúlio Vargas), diz que a retomada da economia está condicionada à capacidade de conter a pandemia.

"Os números do passado foram positivos mas ficaram no passado. Agora temos uma nova rodada de restrições e setores que já estavam muito deprimidos, como serviços, devem permanecer assim. Em janeiro a indústria ainda mostrou robustez porque houve demanda muito grande e reposição dos estoques", avalia a especialista.

Matos destaca que o alongamento da crise pode gerar problemas de longo prazo. "Enquanto de fato não superarmos a pandemia será prematuro dizer que o pior ficou para trás. Continuaremos nesse vaivém e quanto mais tempo levar mais fraturas teremos na economia, com menos investimento, acentuação da desigualdade no mercado de trabalho etc.", diz.

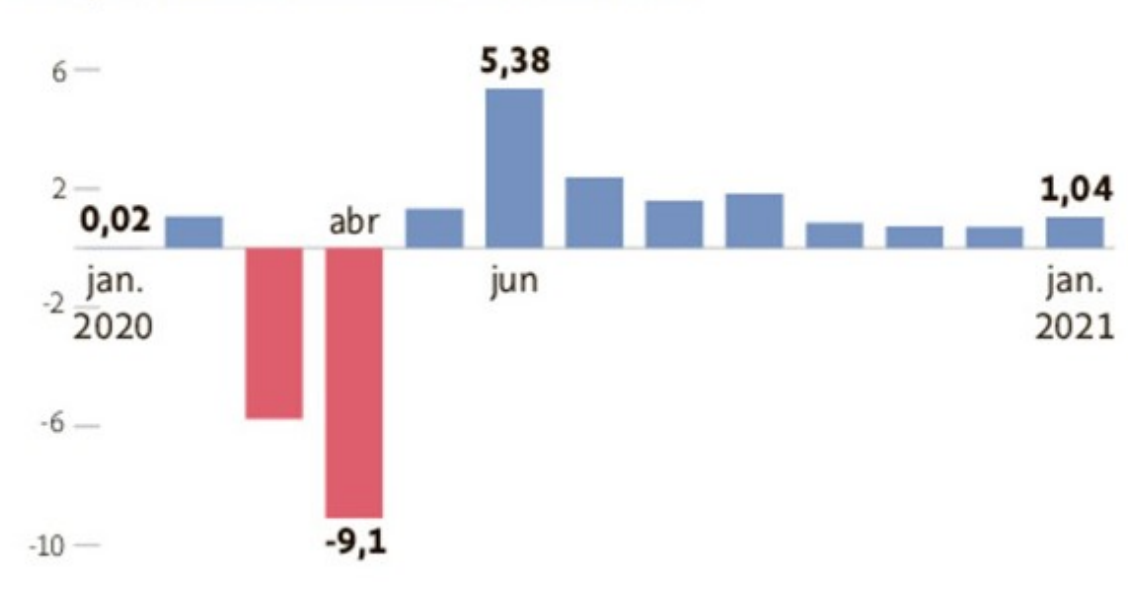
O economista-chefe da JF Trust Investimentos, Eduardo Velho, afirma que o dado de janeiro surpreendeu para cima, mas que fevereiro e março devem ser piores.

"O resultado de janeiro não é uma tendência. Além do agravamento da pandemia, com novas medidas de restrição, temos efeito da inflação, que está acima das expectativas, e do câmbio, que ainda não foram captados no indicador."

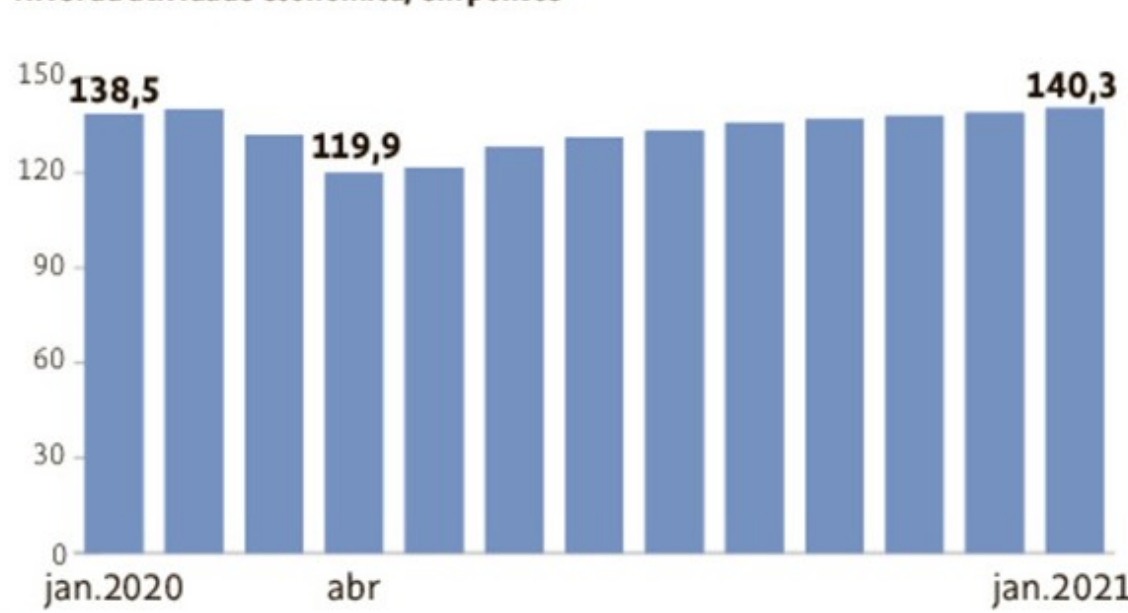
Para o analista, a atividade do primeiro trimestre do ano terá resultado negativo. "O número melhor de janeiro

Atividade econômica cresce em janeiro, indica Banco Central

Variação da atividade econômica mês a mês*, em %



Nível da atividade econômica, em pontos**



*Os números podem ser diferentes dos informados anteriormente porque a série foi revisada **Dados dessazonalizados Fonte: Banco Central

não indica que não terá queda, mas que ela será um pouco menor", afirma.

Gustavo Bertotti, economista-chefe da Messem Investimentos, concorda que o desempenho de fevereiro e março será menor que o de janeiro. "Foi um dado positivo, mas muito disso ainda é um reflexo do relaxamento de medidas de restrição e do auxílio emergencial. Porém esse dado não se sustenta, a tendência é de queda por causa da situação que vivemos no país."

Bertotti pontua que as variáveis que contribuíram para a

melhora da economia no ano passado estão comprometidas atualmente.

"Vivemos hoje o pior momento do vírus no país, com aumento das medidas de isolamento, atraso na vacinação e ao mesmo tempo o auxílio, que está sendo discutido, deverá voltar somente em abril. Isso tudo vai começar a pesar nos indicadores", analisa.

A analista da Terra Investimentos, Heloíse Sanchez, também diz acreditar que, mesmo com a volta do auxílio emergencial, que está sendo desenhado em valor me-

cio registrou retração de 0,2%.

A leitura agora é que, por causa do atraso no programa nacional de vacinação e da falta de ação do governo federal no combate ao coronavírus, a piora na crise sanitária vai comprometer os resultados dos três setores já em fevereiro, com possibilidade de números ainda piores a partir de março.

A CNC (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo) diminuiu de 3,5% para 3,4% a expectativa de crescimento em 2021 e atribuiu a mudança, entre outros fatores, à lentidão da adoção de medidas de combate ao agravamento da pandemia do novo coronavírus.

"A tendência é que o setor de serviços consiga compensar apenas parcialmente a queda recorde de volume de receitas observada em 2020 (-7,6%), considerando um cenário de redução moderada dos atuais níveis de isolamento social até o fim deste ano", afirma o presidente da entidade, José Roberto Tadros.

A necessidade de avançar no controle da crise sanitária para minimizar os efeitos econômicos da pandemia tem sido defendida por economistas do setor privado e também pela equipe econômica do governo federal.

Além de a piora na crise sanitária reduzir a circulação de pessoas, de forma voluntária ou não, ela aumenta a pressão por mais gastos em um momento de crise fiscal, como mostra a necessidade de se recriar o auxílio emergencial.

Como mostrou a Folha, o próprio presidente Jair Bolsonaro (sem partido) deu início a uma ofensiva, com foco na

Reportagem da Folha do início do mês passado já mostrava que indicadores econômicos preliminares apontavam os efeitos do fim do auxílio emergencial e da piora na questão da saúde sobre o nível de atividade em janeiro.

Alguns desses indicadores mostram que a atividade continuou a perder força até o início de março, quando o agravamento da questão sanitária, antes mais restrito a algumas cidades, alcançou todo o país.

O Indicador de Atividade da Genial Investimentos, elaborado pela equipe do economista José Márcio Camargo, recuou em 12 dos últimos 14 dias. "O indicador aponta arrefecimento da atividade econômica desde o início do ano. Com o recrudescimento da pandemia, a tendência é que os indicadores de mobilidade urbana e número de voos domésticos continuem recuando nos próximos dias", afirma a instituição, citando alguns dos componentes do índice.

O Idat (Indicador Diário de Atividade) do Itaú Unibanco ainda estava, no começo deste mês, 14% abaixo do nível verificado em meados de março de 2020, em uma situação praticamente de estabilidade desde outubro do ano passado.

Na sexta-feira (12), o banco revisou as projeções de crescimento da economia brasileira neste ano de 4% para 3,8% em 2021 e de 2,5% para 1,8% em 2022. A revisão se deveu à deterioração das condições financeiras resultante do aumento do risco fiscal.

Para o banco, a despeito do aumento do distanciamento social, o impacto da questão fiscal sobre a redução do crescimento será menor em 2021 do que em 2022, em consequência do crescimento global robusto e do impulso vindo da vacinação neste ano.

"Ainda deve demorar alguns meses para que a imunização impacte de forma clara a dinâmica da pandemia. Além disso, o surgimento de variantes do vírus é um risco à eficácia das vacinas que tem que ser monitorado à frente", diz a instituição.

nor, o impacto na atividade será limitado.

"Para os próximos meses, caso ocorram novos aumentos devido retomada do auxílio emergencial, deverão ser mais contidos, justamente pelo período em que estamos passando na economia, com todas as restrições e cenário alarmante de calamidade pública", ressalta.

No acumulado dos 12 meses terminados em janeiro, houve queda de 4,04% no indicador.

Em março, quando o vírus chegou ao país, houve redução de 5,90% no setor produtivo, segundo informado na época, já sob efeito do distanciamento social. Após a revisão, a variação foi para queda de 5,76%.

Com a população em casa, o consumo diminuiu em diversos setores, como transporte e hospedagem, e a atividade econômica despencou.

O pior resultado foi registrado em abril, quando a economia caiu 9,73% (9,10% com revisão), nível mais baixo desde outubro de 2006 e maior queda em toda a série histórica, iniciada em 2003.

Maio já trouxe resultado positivo em relação a abril, de 1,3%, mas ficou aquém das expectativas do mercado, que eram de 4,5%.

O IBC-Br mede a atividade econômica do país e é divulgado desde março de 2010. Ele foi criado para auxiliar em decisões de política monetária, já que não existe outro dado mensal de desempenho do setor produtivo.

O indicador leva em conta o desempenho dos principais setores da economia: indústria, agropecuária e serviços.

Dólar sobe para R\$ 5,64, e Ibovespa tem alta de 0,6%

Júlia Moura

SÃO PAULO O dólar fechou em alta de 1,42%, a R\$ 5,6390, nesta segunda-feira (15). Na máxima, a moeda foi a R\$ 5,6560, mas perdeu força após o Banco Central leiloar US\$ 1,065 à vista e US\$ 500 milhões via swaps cambiais.

Dentre todas as moedas globais, o real foi a que mais se desvalorizou na sessão.

Segundo analistas, a piora na pandemia no Brasil seguida de restrições mais rígidas, a indefinição quanto ao novo ministro da Saúde e a expectativa por decisões monetárias por aqui e nos EUA nesta semana pesaram contra a divisa.

"A pandemia ainda tem altos custos econômicos, sociais e de saúde, e todos eles sugerem que a recuperação econômica pode estagnar e que as contas fiscais e a dívida pública provavelmente permanecerão sob pressão", disseram estrategistas do Société Générale.

"Isso significa um aumento nas vulnerabilidades macroeconômicas do Brasil e em prêmios de risco que eventualmente serão traduzidos em uma moeda mais fraca e curva mais inclinada."

Acompanhando os mercados no exterior, o Ibovespa subiu 0,6%, a 114.850,74 pontos. Nesta segunda, a Bolsa brasileira voltou a fechar 17h, com after market entre 17h30 e 18h.

Em Nova York, o índice S&P 500 subiu 0,65%. Já o Dow Jones teve alta de 0,53% e Nasdaq, de 1,05%.